



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

CULTURA INDÍGENA: CONSTRUINDO CAMINHOS PARA DESFAZER OS PRECONCEITOS

Thiago Muniz da Silva ¹

1. INTRODUÇÃO

O primeiro contato que o europeu teve com a América foi de deslumbramento. Pensando que estavam nas Índias, chamou os habitantes que aqui residiam de índios. Partindo daí, a obtenção do lucro passou a ser um dos principais objetivos destes invasores. O Brasil, um país litorâneo, teve como desbravadores os portugueses. Quando estes aqui chegaram, a exploração dos recursos naturais ocorreu de forma imediata através do pau-brasil, vindo, em seguida, a cana de açúcar e o ouro. Neste sentido, o nosso país foi formado tendo como alicerce a exploração e o abusivo uso de poder das autoridades que aqui chegavam.

Neste contexto, o indígena, assim, como a terra, passou a ser explorado e perdendo seus territórios com o passar dos séculos. Os únicos documentos escritos e conhecidos foram feitos pelo homem branco e aquilo que sabemos das culturas e tradições destes povos ainda estão cheias de estereótipos e preconceitos primitivistas.

O objetivo deste artigo é o de contribuir com a luta de desfazer os estigmas desses preconceitos e estereótipos, observando a Literatura de Expressão Indígena como um espaço propenso para a preservação dos traços mnemônicos

¹ Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Acre em 2005. Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Acre em 2012. Professor de Língua Portuguesa pela Secretaria de Estado de Educação e Esporte, com experiência em coordenação pedagógica e gestão. Mestrando em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre pela linha de pesquisa Cultura e Sociedade – Turma 2016. E-mail: munizpib@hotmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

voltados aos mitos e tradições desses povos. Para tanto, utilizaremos como objeto de estudo a obra *Yaguarabõia: a mulher onça* do escritor Yaguarê Yamã (2013), pertencente à tribo *maraguá*.

2. DESENVOLVIMENTO

Paulo Prado em *Retratos do Brasil* nos faz uma referência de como se deu a formação do povo brasileiro. Ele afirma que “do contato da sensualidade com o desregramento e a dissolução do conquistador europeu surgiram as nossas primitivas populações mestiças, terra de todos os vícios e todos os crimes” (PRADO, 1997, p.76). Neste caso, o autor diagnostica um Brasil formado ao acaso. Os nossos colonizadores se permitiram uma liberdade de ação que acabou implicando num processo de dissolução de costumes, criando a imagem de um país doente. Ele vai ao encontro das mazelas e descompassos sociais. Neste sentido, há uma constatação melancólica na figura escolhida para qualificar nosso estado de inércia e paralisia. Trata-se de um discurso pessimista, mostrando com evidência como se deu o nosso processo de colonização.

Representaram, porém, um papel peculiar na história do povoamento do continente. Entre nós, estabeleceram pela primeira vez um começo de contato entre o branco e o índio. Influíram sobre o gentio como foram influenciados por este. Uns caíram na mais extrema selvageria como o castelhano de que nos fala Gabriel Soares, com os beijos furados, ou como os intérpretes normandos que, segundo Lery, cometiam todas as abominações, indo até a antropofagia. Outros se transformavam em verdadeiros régulos, dando expansão aos seus sentimentos de homens de presa, ou então, mais medíocres, de temperamento burguês, viviam bem com o europeu e o indígena, aprendiam a língua da terra, estabeleciam feitorias e iniciavam o comércio naturista que predominou por todo o primeiro século. (PRADO, 1997, p.55)

Com o fragmento, é nítida a relação entre o colonizador e o colonizado. Trata-se de uma relação ora de selvageria ora de passividade. O selvagem, neste caso, não é apenas o índio, mas também o branco que buscava a todo custo



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

implantar seu poderio na terra recém-descoberta. Mesmo com todas as diferenças, o autor nos mostra ainda que havia momentos de compartilhamento das culturas através do aprendizado de uma nova língua e do fato do europeu se apropriar das nossas belezas naturais.

A cultura indígena também fez parte da Literatura Brasileira desde a gênese. Seja na Carta de Pero de Vaz de Caminha, nos poemas de Gonçalves Dias, nos romances de José de Alencar ou no herói sem caráter de Mário de Andrade, o índio ganha destaque, nessas obras. Alfredo Bosi (2004), no livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, faz este apanhado histórico da figura indígena dentro do cenário brasileiro. Em José de Alencar, por exemplo, temos a imagem de um índio forte e bonito, inserido numa floresta exuberante. Por outro lado, Mário de Andrade nos narra um índio com luxúria, feio e preguiçoso.

Contudo, trata-se de autores “brancos” que escrevem sobre outra cultura, seja através de vivências ou estudos. O autor escolhido neste artigo é indígena e escreve para o público infante-juvenil, sempre procurando ressaltar sua identidade cultural nas obras. É o que Sampaio (2002) define como sinal diacrítico de *diferença cultural*, este que ocorre quando a consciência nacional pré-seleciona e organiza imagens e características de uma situação ou de uma pessoa a fim de projetá-las em função de suas necessidades ideológicas.

Sobre identidade cultural, Stuart Hall (2003) no texto *Identidade Cultural e Diáspora* desenvolve a ideia de que esta deve ser vista, observando uma condição essencialista através de uma “cultura partilhada”, ou seja, a identidade é construída com um caráter de unificação e resistência. Yaguarê Yamã é um ativista e por este motivo luta para que sua cultura seja perpetuada.

As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa “lei de origem sem problemas, transcendental (HALL, 1996 p.70)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Compreendemos, assim, que as identidades culturais se constroem por meio de um caminho dialógico entre os mais variados discursos que é visto dentro de um posicionamento de ideias. Cada sujeito se identifica de acordo com aquilo que ouviu ou presenciou no decorrer de sua vida e, a partir daí, adquire uma posição no que diz respeito a sua cultura. Ou seja, pertencer à cultura amazônica é adquirir um posicionamento diante de todos os fatos que construíram o sujeito no tempo, o que ouviu e observou com as tradições ou do próprio aprendizado através das gerações.

A este fato Glissant (2005) chama de *grito poético*. Trata-se da conscientização das chamadas comunidades atávicas. Estas, por sua vez, possuem uma gênese e buscam pela Terra Prometida. Os povos indígenas, partindo desta premissa, são comunidades atávicas, onde delas, estão saindo líderes que lutam pela preservação de suas culturas. A função do grito poético, assim, é o de "reunir a morada, o lugar e a natureza da comunidade, pois aquilo que é gritado ocorre quando a comunidade, que ainda não está segura de sua identidade, necessita tradicionalmente desse grito para afirmar-se em face de uma ameaça" (GLISSANT, 2003, p.44).

Além disso, o que se vê muito em relação às sociedades indígenas é um quadro de desinformação marcado pelo preconceito e discriminação, por parte dos não indígenas. Grupioni (2004) nos revela duras críticas em relação aos próprios livros didáticos quando estes retratam a vida do negro e do índio. O autor nos mostra, num primeiro momento, que o índio é sempre posto como alguém pertencente ao passado e que vive em função de um colonizador. A segunda crítica, se forma pelo fato de que nos livros, a história desses povos é estanque, ou seja, não se trata de uma história que evolui, mas que fica à margem de uma historiografia europeia. A terceira, refere-se à forma como os livros tratam os índios como uma sociedade sem traços culturais considerados significativos, tais como: escrita, tecnologia etc.

Diante disso, o aluno pode concluir que o índio é um sujeito não contemporâneo e que vive num tempo pretérito, além de colocá-los numa posição



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

reducionista. Assim, uma forma de desfazer o preconceito e a discriminação é inserir nas escolas obras que retratem a temática indígena com a valorização da cultura e da identidade destas sociedades.

Para reduzir ou acabar com a discriminação é preciso gerar ideias e atitudes novas, num processo que deve ser levado tanto a nível individual como coletivo. Isso se faz com informações corretas e contextualizadas, que levem as pessoas a refletirem sobre suas posturas e atitudes cotidianas. (GRUPIONI, 2004, p. 492)

De acordo com o autor, para reduzir ou até mesmo desfazer a discriminação, é preciso que cada docente obtenha uma postura diferente quando for tratar em sala de aula a temática indígena. Efetuar leituras de obras escritas por índios faz com que o nosso aluno perceba o quanto esta cultura faz parte de nossa história.

Desta forma, o Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) traz como proposta a apreciação de obras literárias pelos alunos do 1º ao 3º ano através da implantação de bibliotecas nas escolas de Ensino Fundamental. O grande diferencial está em proporcionar às crianças o acesso a livros escritos por autores até então desconhecidos pela mídia, mas que possuem em sua essência narrativas voltadas para a preservação das mais diversas culturas presentes em nosso país.

Bessa Freire (2003) descreve no artigo *A descoberta do museu pelos índios*, o fato de que algumas lideranças indígenas descobriram o museu como um instrumento de recuperação da memória perdida e cita a luta e a resistência dos índios *ticuna* com os madeireiros, políticos e latifundiários no dia da inauguração no Museu *Magüta*. Segundo o autor, a data prevista da inauguração foi adiada e para que pudesse obter uma maior aproximação com a população local foi feito um trabalho educativo nas escolas e o museu passou a receber inúmeras visitas. Este exemplo é citado a fim de que o trabalho educativo de valorização da cultura indígena ocorra nas Unidades de Ensino.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Trazer à tona obras literárias escritas por indígenas é uma excelente forma de mostrar uma visão sem preconceitos destas culturas. Além disso, é um meio de preservar as memórias coletivas que ficaram esquecidas por estes povos. Segundo Le Goff (1990, p. 426) “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”, isto é, vários ensinamentos, tradições, mitos, lendas, histórias foram perdidas por estes povos, por conta da manipulação praticada pelo colonizador em relação ao colonizado no decorrer dos séculos.

O índio é um desses colonizado Um povo sem escrita, mas fundamentado em suas crenças e tradições. Le Goff (1990, página 428) afirma ainda que “o próprio domínio onde se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento à existência das etnias ou das famílias, isto é, dos mitos de origem”. Partindo desta premissa, compreende-se que nas sociedades sem escrita há a presença dos homens-memórias, que são os chefes de família, idosos, no caso do povo *maraguá*, os *malyli*.

A obra *Yaguarãboia: a mulher onça*, que é objeto de estudo deste artigo, narra a história de como surgiu uma figura lendária que até hoje causa medo ao povo *maraguá*. Um ser lendário que apresenta corpo de mulher, cabeça de onça e rabo de cobra.

Walter Benjamin (1994) classifica dois tipos de narradores, o do marinheiro comerciante e do camponês sedentário. No livro, temos a presença do segundo, pois é aquele que permanece na sua terra e conhece as histórias e tradições do seu povo. Já no primeiro parágrafo da obra, o autor situa o povo *maraguá*, informando que habitam na região do Rio Abacaxis. Este rio corta as cidades de Nova Olinda do Norte e Borba na região leste do estado do Amazonas, distante de Manaus cerca de 134 quilômetros.

Após informar sobre a localização, há uma descrição de um dos costumes desse povo, como as casas que não podem ser construídas distantes uma das outras, pois pode atrair “a malignidade das entidades e monstros da floresta” (YAMÃ, 2013, p.8). Este clima de suspense faz com que o leitor se interesse pela



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

história e não perca o fio condutor de toda a narrativa. A lenda traz como pano de fundo, o cenário lúgubre e soturno da floresta, conduzindo ao final trágico de uma mulher, punida pela desobediência aos ensinamentos do *malyli*, o pajé no costume *maraguá*.

O narrador nos conta que um *maraguá* e sua esposa viviam felizes numa casa de palha às margens do Igarapé *Mereré*. O marido foi caçar, não trazendo consigo nenhum alimento, somente uma onça morta, da qual tiraria os dentes para a construção de colares. Contudo, a esposa faminta decide comer um pedaço da carne de onça, embora compreendendo conscientemente que tal ato era proibido aos *maraguás*.

O desejo de comer carne de onça fica cada vez mais evidente, pois a mesma era a que cuidava da caça, não mais o marido. Até que um dia ela não retorna mais à aldeia e, aos poucos, perde a razão. Retira-se, portanto, do convívio feliz com o marido e passa habitar outro ambiente, sendo temida por todos os habitantes.

E desde então ninguém mora na região da *Yaguarãboia*, que fica entre as cabeceiras dos *Ygarapés Mereré e Folharal*. Os caçadores tomam muito cuidado quando saem para caçar e quando a veem fogem com toda rapidez.

Esta é a história da origem da *Yaguarãboia*, uma mulher que comeu carne de onça e passou a ser dominada por um estranho desejo. (YAMÃ, 2013, p. 24)

A mulher sofre sua zoomorfização, isto é, a transformação em onça e cobra. O próprio narrador descreve a mutação quando afirma que “suas unhas começaram a crescer e aos poucos ela se transformou num terrível animal comedor de onças” (YAMÃ, 2013, p.19).

Assim, a preservação da figura lendária fica permeada de temor pelos moradores da aldeia. O próprio narrador nos revela este fato quando o *malyli* os advertem a fugir dela, pois caso ela (*Yaguarãboia*) coma algum ser humano passará a devorar gente.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Na situação em que ela estava, bastou o *malyli* falar uma vez que o povo passou a temê-la, e nunca mais ninguém ousou a se aproximar dela nem morar nas cercanias.

— Graças a *Monãg* — dizem os *malyli*. — já pensou se a *Yaguarãboia* resolve comer carne humana? Seria o fim dos habitantes do Rio Abacaxis, pois, além de sua aparência monstruosa, ela tem uma força descomunal. (YAMÃ, 2013, p. 23)

Na realidade, desde a infância somos embriagados de lendas e mitos que até hoje preenchem nosso imaginário. Falar do boto, Mapiguari, Matinta Pereira ou do Batedor, antes de dormir é uma prática em desuso em nossa região. A obra ao recontar a figura lendária da *Yaguarãboia* permite preservar a memória do povo *maraguá* e a importância deste para a nossa cultura.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iniciativa de inserir obras que retratam a cultura indígena nas escolas, é inovadora, pois permite ao aluno refletir sobre as tradições e costumes de povos esquecidos ao passar do tempo. Preservar as lendas como a da *Yaguarãboia* é fazer com que o aluno desfaça a visão do índio no tempo pretérito e primitivo, passando a vê-lo como um sujeito histórico e detentor de memórias.

Embora haja a implementação nas escolas dessas obras, o caminho para se desfazer os preconceitos e estereótipos é longo. Contudo, o professor deve adotar como medida em suas aulas, atividades educativas que valorizem tanto o indígena quanto a cultura e a importância desta para a formação da nação brasileira.

O ensinamento prático retirado da obra, por exemplo, não é apenas o de causar temor e estranheza aos que efetuam a leitura, mas o de compreender que é possível aprender muito com os mais velhos, por exemplo. Assim, além da história ter a presença do lúdico, há nela ferramentas de preservação da memória, cultura e tradições do povo *maraguá*.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

4. REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BESSA FREIRE, José Ribamar. **A descoberta do museu pelos índios**. In: ABREU, Regina (Orgs). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 37.ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GRUPIONI, L. D. B (org.). **A Temática Indígena na Escola**: novos subsídios para professores do 1º e 2º graus. São Paulo: Global, 2004

_____. Formação de professores indígenas: repensando trajetórias. In: SAMPAIO, J. A. L. **O “resgate cultural” como valor**: reflexões antropológicas sobre a formação de professores indígenas. Brasília: Ministério da Educação, 2006. (P. 165 - 174)

HALL, S. **Da diáspora**: Identidade e mediações culturais/ Stuart Hall; Organização Liv Sovik; tradução Adelaine LA Guardia Resende...[et all]. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 410 p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

YAMÃ, Y. **Yaguarão**: a mulher onça. São Paulo: LeYa, 2013.

PRADO, P. **Retratos do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.